

Ah.. o tempo!

Da quantidade e da qualidade

21 de Abril de 2020

O nosso conceito de “tempo” mudou desde o momento em que decidimos que este seria o tema do debate em Abril. Entretanto, a experiência que estamos a viver neste momento vem reforçar a nossa convicção de que temos de falar sobre isto, temos que falar sobre o tempo...

Na área da Cultura, frequentemente nos justificamos por pequenas ou grandes falhas nas nossas iniciativas pelo facto de terem acontecido “em cima da hora”. É também comum o nosso trabalho ser avaliado pelo número de iniciativas e número de pessoas que a elas assistiram. Em grande parte, o que se espera de nós é a execução de tarefas e a apresentação de “bons números”, sem paragens para reflectir, avaliar, aprofundar e melhorar o nosso trabalho com diferentes pessoas. Parece não estarmos contentes com tudo isto. Ao mesmo tempo, aceitamos como se fosse uma inevitabilidade.

Será? Faz sentido continuarmos a aplicar este modelo sem questionar a sua eficácia e até que ponto contribui para a satisfação e felicidade dos profissionais e do público?

Resumo

Um ponto de partida para a conversa

Clara Riso, Directora da Casa Fernando Pessoa, participou [numa residência de Artes, Ciências e Humanidades](#) em Olot, Catalunha, Espanha. Inicialmente, teve vários receios: Poderia/deveria fazê-lo? Seria possível dedicar duas semanas a isto, ficar fora do seu escritório, não cumprir, no local habitual, o seu horário de trabalho? Não sendo uma prática comum entre os seus colegas, como enquadrar o seu caso? Regressaria com benefícios, não só para ela própria mas também para a sua equipa e para a entidade em que trabalha?

A residência permitiu-lhe encontrar pessoas de diferentes lugares e ofícios, com experiências e idades também diferentes. Cada dia, uma pessoa apresentava o seu trabalho ao grupo. Todos se mostravam disponíveis para trabalhar no tema do outro, em coisas que não eram comuns a todos. Havia tempo para o fazer... Houve tempo para pensar no seu próprio trabalho e ter o feedback do grupo.

O tempo antes...

- A preocupação era fazer sempre coisas novas, apresentar objectos novos. Não se conseguia fazer trabalho de fundo. Os nossos indicadores de avaliação obrigavam-nos a isso, o nosso financiamento e sustentabilidade muitas vezes dependia disso.
- Os números e o tempo impõem-nos ritmos próprios.

- Não devemos comportar-nos como um rato na roda, não questionar porque é que estamos na roda, o que é que acontece se sairmos dela...
- O tempo é a capacidade de pararmos. Muitas vezes estamos em modo automático. Faz falta sair, parar, ouvir, participar, pensar, dialogar dentro das equipas
- Ninguém pode responder objectivamente porque é que não temos tempo. Passamos muito tempo a falar, mas devíamos sobretudo ouvir. E dedicamos pouco tempo à participação.
- O tempo das instituições concorre com o tempo da vida das pessoas.
- É sempre preciso dar tempo a nós próprios e às nossas instituições. Sempre que se conseguia sair um pouco do nosso local de trabalho – fazer uma formação, participar num debate – os benefícios daqueles momentos de aprendizagem e partilhas se estendiam muito mais no tempo, a nível pessoal e profissional. Mas, muitas vezes, tínhamos que lutar por essa “saídas”.
- Falta-nos tempo e também interlocutores internos, de forma a organizarmos o trabalho para quem virá a seguir.
- Temos tempo, mas falta-nos a companhia...
- A falta de tempo pode ser uma desculpa para esconder outras coisas: o facto de não estarmos dispostos a ouvir, de termos muitas certezas, de não querermos lidar com as nossas falhas (é mais fácil, mais confortável, avançar e fazer outra coisa).

O tempo agora e depois...

- Perdemos o factor da previsibilidade, não sabemos como vai ser. A maior angústia é a imprevisibilidade.
- Muitos sentem uma certa angústia pela falta de público. Como vamos lidar com este vazio? Pegaremos novamente nas maletas pedagógicas e iremos ter com as pessoas? Teremos de ser mais criativos.
- Podemos ter tempo para nos reinventarmos, para ponderarmos para onde queremos ir, pensarmos em estratégias.
- Cabe-nos também a nós gerirmos o nosso tempo. Quem decide, muitas vezes não nos dá tempo para abrandar, pensar, participar, reflectir. Temos de reivindicar esse tempo.
- Devemos inverter os sistemas de valor e de valorização. Terá de ser, não vamos reabrir com as mesmas afluências. As prioridades serão outras.
- A nova métrica de avaliação será inevitável. Neste momento, fomos obrigados a parar. Vamos a cursos, lemos, discutimos: isto vai dar frutos...
- Tempo para reflectirmos sobre o nosso papel, à nossa resposta à situação, e agirmos de acordo com o quem somos.
- Não teremos mais tempo no futuro. Quais as prioridades?
- Algo aprendemos, e há-de ter reflexos no futuro! Isto de fazermos reuniões nestas plataformas vai fazer com que, por exemplo, se deixe de perder tanto... tempo! A fazer viagens de Vila Real para o Porto, Coimbra ou Lisboa para fazer algumas reuniões...
- Tem de haver uma consciência colectiva em relação à quantidade do que produzimos, muitas vezes propostas concorrentes dirigidas às mesmas pessoas. Devemos concentrar-nos em menos propostas e mais qualidade/profundidade.
- Temos um estímulo para desacelerar, para arranjar respostas, para nos adaptarmos. Vivemos em sociedade, vamos negociar as respostas.

- Não temos a prática da avaliação qualitativa. Como convencer a dar menos valor aos números, se não temos dados sobre a qualidade e impacto das experiências que oferecemos e dos serviços que prestamos.
- A avaliação dos processos deve ser feita com todos os envolvidos. E não devemos ter medo de voltar atrás e corrigir erros.
- Insistir sobre paragens obrigatórias, para reflectir e construir. Tornar-nos-emos mais criativos e mais ricos.
- Todos temos algum poder para transformar a forma como as coisas são feitas, ganhar a confiança das nossas instituições, fazer propostas.
- A relação com o tempo pode ser cultivada de outra forma, de uma forma que mude a nossa vida. Estamos a descobrir outras coisas, coisas novas. Estamos a re-descobrir a nossa relação com a natureza. Deveremos preocupar-nos com a densidade das nossas relações, não com a aritmética, os “corpos presentes”.
- O debate de hoje fez-me pensar em muito do que se conversou na ultima conferência da Acesso Cultura, em Outubro passado. O que se perde e o que se ganha quando se faz política na cultura. Penso que novos desafios virão nessa perspectiva e ainda mais para as “autoridades culturais”. Para além disso, é importante pensar o Tempo sempre com o Espaço - os vários espaços e dimensões em que todos trabalhamos. E acredito que quem pensa reflecte sobre o que faz e o que quer fazer. Saber para quem se está a trabalhar ajuda muito a saber o “como”, o “quando”. A assertividade vai continuar a ser fundamental. E o optimismo também!

Referências

Filme [“Nostalgia”](#) de Andrei Tarkovsky (legendado em pt/br)

Arvo Pärt, [The coronavirus has shown us in a painful way that humanity is a single organism](#)

George Kubler, *Forma do Tempo*

ICOM | OECD [Webinar: impact, innovations and planning for post-crisis](#)